

FEIRA “LIVRE” DE CAMPINA GRANDE - PB: ESPAÇO ORGANIZADO A PARTIR DOS OLHARES DE VIGILÂNCIA¹

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo²

A referida pesquisa consiste em um aprofundamento do tema já trabalhado em dissertação no curso de pós-graduação *Stricto Sensu* - Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Sociedade, linha de pesquisa Estudos Culturais, promovido pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. Após sua elaboração (da referida dissertação), algumas questões surgiram e necessitam de maior aprofundamento a fim de serem respondidas.

Tendo como título: *Múltiplos discursos sobre a feira central de Campina Grande-PB*³, um estudo teórico, metodológico, epistemológico e, através da História Oral, coletamos e analisamos narrativas, depoimentos de feirantes e fregueses, acerca das suas concepções valorativas sobre a feira livre campinense.

Tomando como base o estudo que desenvolvemos iremos nos aprofundar em questões de ordem teórica, procurando investigar na feira fatos que são peculiares daquele espaço social, como o porque da feira livre continuar existindo em Campina Grande, apesar da diversidade de supermercados e de elementos que agregam ao lugar da feira normatizando o espaço, como por exemplo a inserção do mercado público central. O presente texto intitulado de: *Poder disciplinar e estratégias de resistência presentes na Feira Livre de Campina Grande-PB*, consiste em teorias que refletimos e desenvolvemos ao longo das discussões em sala-de-aula e que merecem ser melhor elaboradas a partir de pesquisas futuras⁴. Para entendermos as questões de nossa pesquisa trabalharemos alguns conceitos que são pertinentes, tais como: disciplina, poder, tática, e resistência.

Nos respaldamos para elaboração deste texto em historiadores que se encontram enquadrados no campo da modernidade, e outros que se encontram na fronteira com a pós-modernidade, ou contemporaneidade. São eles: Michael de Certeau, Michel Foucault, E.P. Thompson e James Scott, que teoricamente falam de campos diferentes. No entanto, procuraremos manter um diálogo entre eles na medida em que utilizamos conceitos peculiares de cada teoria.

Inicialmente trabalharemos o conceito de **poder disciplinar** como hipótese para entender a Cartografia espacial do mercado na feira central desta cidade. Para tanto, necessitaremos

¹ Trabalho de conclusão da disciplina: Seminário avançado em Sociologia II, ministrado pela Prof^a Dr^a Marilda Menezes o curso de Doutorado em Sociologia Rural, promovido pela UFCG. Trabalho apresentado no Simpósio Temático “A Cidade em Diferentes Olhares”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Aluna especial da disciplina mencionada anteriormente, graduada e especialista em História e mestre em Ciências da Sociedade, vinculada a linha de pesquisa Estudos Culturais, promovido pela UEPB.

³ Ver ARAÚJO, Giovanna de A. F. *Múltiplos discursos sobre a feira de Campina Grande: uma representação cultural- Campina Grande: Ciências da Sociedade, UEPB 2004 mimeo.*

⁴ Nos referimos a pesquisa que pretendemos desenvolver a nível de Doutorado no referido curso, na seleção no ano vigente.

de elucidar alguns aspectos que encontram-se relacionados ao conceito poder disciplinar em Foucault, sendo eles: o tipo de organização do espaço; controle do tempo e vigilância⁵, além do contra ponto a tudo isso: **a reação**.

Em relação especificamente a **disciplina e organização do espaço**, vemos como técnica de distribuição dos indivíduos através da inserção dos corpos em um mesmo espaço individualizado, classificatório, combinatório e acima de tudo hierarquizado, esquadrinhado, com funções diferentes segundo objetivos específicos. Relacionando esta hipótese ao tema de nosso estudo, a feira central de Campina Grande, observamos que para entender as questões de ordem, de disciplina, se faz necessário um estudo cartográfico da arrumação do espaço geográfico deste lugar social, na tentativa de “manter” a ordem diante da implantação do mercado central, delimitando espaço, regras de conduta quanto a comportamento e padrões de higiene.

Já em relação ao **controle de tempo**, entendemos como produto da disciplina. Para tanto, basta que estabeleçamos uma sujeição do corpo ao tempo, preocupados muito mais com o desenvolvimento do que com o resultado imediato, ou seja, a arte de correlacionar um gesto específico com o corpo e objeto a ser articulado, as regras diárias que são impostas pelo mercado, onde os feirantes buscam, ou são induzidos a apresentarem comportamentos que estabeleçam essa sucessão de gestos entre o corpo e os objetos expostos para venda, com o intuito muitas vezes , não de obter resultado imediato mais de promover através do desenvolvimento da venda relações de compadrinamento e de fidelidade entre freguês e feirante, e vice versa.

E por último a questão da vigilância como um dos principais instrumentos de **poder disciplinar**, de controle sobre os indivíduos. Com o objetivo de disciplinar estratégias de mansidão são criados “homens úteis e dóceis” politicamente, o que notadamente é uma tentativa de provocar a diminuição de sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, neutralização dos efeitos de contra-poder.

Em se tratando do espaço da feira verificamos posicionamentos hierárquicos e centrais de vigilância, com propósito de manter essa ordem estabelecida e institucionalizada, quando o mercado se posiciona no lugar central daquele espaço e a administração no lugar mais central ainda do mercado, no alto, com o propósito de manter a ordem através da vigília. Nos locais que a essa vigilância não se apresenta de maneira efetiva, percebemos que os próprios feirantes reclamam, uma vez que eles responsabilizam a ordem a um poder institucional, seja ele ligado ao governo ou mesmo a sindicatos, é o que podemos observar no depoimento de Mcbs⁶:

⁵ Ver FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Roberto Machado (org.)- Rio de Janeiro:Edições Graal, 1979.p.XVIII

⁶ Ver ARAÚJO, Op Cit., p. 71

“[...] Tenho saudades demais, porque antigamente não vinha, saía gente pra vir vender aqui porque quem vem vender a gente chega nas casa e vende do mesmo jeito, se ele vender a dez reais umpacote de monsenhor, a um cliente da gente ele faz por nove reais para pegar o freguês, aí ta errado”

(continua se queixando dos atravessadores, da ausência do sindicato na resolução desses casos).

Já no caso específico dos supermercados, (mesmo no interior da feira) podemos citar na contemporaneidade o uso das câmeras de vídeo, filmando, com o objetivo de manter o controle de todo o espaço e das ações dos figurantes neste, evitando assim práticas que perturbem esta ordem estabelecida, com furto, motins, consumo das mercadorias.

Consideramos o poder disciplinar trabalhado por Foucault, que não destrói o indivíduo, ao contrário ele o fabrica. O indivíduo não é o outro do poder, realidade exterior, que é por ele anulado; o poder disciplinar é um dos mais importantes efeitos para a construção daquilo que convencionalmente passou a ser chamado de **reação**, haja vista que as técnicas disciplinares, que são técnicas de individualização, promove o “nascimento” da figura do homem como produção de poder, diante de todas as ações sobre o corpo: o adestramento do gesto, a regularização do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação dos discursos, com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar. O poder nesse sentido, está em cada um de nós, não apenas o institucional do Estado, mas os micro poderes que por muitas vezes desequilibram este maior. Segundo Foucault, “o poder não existe. Na realidade se trata de um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado (e sem dúvida mal coordenado) de relações”⁷. Daí vem a reação, pois se interioriza dentro das relações, onde qualquer luta é sempre tida como de resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda sociedade. Logo sabemos que onde há poder há resistência, que se localiza transitando por toda a estrutura social dos indivíduos.

Talvez por essa razão⁸ que quando observamos o espaço cartográfico da feira central, observamos a presença do poder disciplinar institucional, por meio da edificação do mercado e o posicionamento dos bancos e boxes para a venda dos produtos, de maneira hierarquizada, piramidalizada, e com o intuito de homogeneizar, uniformizando, a fim de não despertar as diferenças e por outro lado percebemos a disposição e o uso do poder, dos micro poderes dos homens como reação a toda aquela disciplina imposta, se posicionando a maneira deles ao redor do mercado, aqueles que não tiveram acesso a este espaço, e há ainda aqueles que insistem em permanecer no interior do mercado mesmo que na condição de ambulante, contrariando a “ordem” estabelecida.

⁷ FOUCAULT, Op Cit., p.248.

⁸ Hipótese que se confirmará ou não no decorrer da pesquisa quando for investigada

Em meio a tudo isto levantamos uma outra hipótese relacionada às descritas anteriormente e conceituadas por Foucault, a noção de Tática⁹⁹ como tentativa de resistência aos poderes disciplinares. Para tanto buscamos em Michel de Certeau tal conceito com o propósito de elucidar nossas questões.

A tática para Certeau está atrelada a muitas práticas cotidianas que envolvem “maneiras de fazer”, de maneira criativa e inteligente, no sentido de arte do fazer, diante da anti-disciplina, os protagonistas estão inseridos, conhecem o espaço geográfico pesquisado, enquanto espaço social de convivência e de sobrevivência, onde cada qual, de grupos sociais distintos utilizando táticas, estratégias criativas e astúcias, indo em busca de seus objetivos, descrevem argumentos diferenciados, que procuram atender seus interesses específicos. Dessa forma, o espaço social da feira é um só, em que se encontram inseridas e se coexistindo, através da relação estabelecida de vida social, relacionando ao saber-fazer proposto por Certeau, daqueles que vivenciam o cotidiano deste espaço social, produzindo arte, seja ela na venda, no poder de convencimento do feirante, interpretação daquilo que o freguês deseja, é o que percebemos na fala de Jal¹⁰:

“(...) Tem freguês do interior que não sabe se expressar, tem escolaridade, como eu, teve um que perguntou não se tinha café brãmane(risos), eu nunca esqueci, tinha um café com nome de diamante..Tem freguês que vem do interior ou que não tem graude escolaridade, assim como eu e traz uma lista de compras, tal mercadoria, tal ..meus menino que são mais adiantado não decifro e eu devido ao tempo, as mercadoria, se eu pegar uma letra ou duas eu já descubro qual a mercadoria que é “

Apesar dos instrumentos de ordem e de poder disciplinar os homens resistem a tudo isso desenvolvendo astúcias silenciadas e sutis com apropriação criativa, anti-disciplinada, e ordinária, inventando de maneira própria, criativa e inteligente suas táticas e estratégias, como arte do fazer, fazer este que envolve elementos do cotidiano, com o propósito maior de conviver e até transformar, materializando, criando, (re)inventando, a realidade em que vivem. Para entendermos o cotidiano da feira central de Campina Grande se faz necessário que, além dos conceitos apresentados anteriormente, utilizemos a questão da memória sendo essa de caráter coletivo.

Na medida em que analisar-mos à memória desmembrada no social, perceberemos que todas as lembranças de um sujeito necessariamente estão vinculadas as identidades sociais de grupos a partir de (re)construções seletivas de eventos ou acontecimentos vinculados ao contexto sócio-histórico e cultural em que os sujeitos estão ou estiveram inseridos. A memória é, portanto um elemento constitutivo da identidade social de grupo que contribui para suas respectivas interpretações de atitudes, gestos, pensamentos, posturas, ações que os indivíduos apresentam a partir de dogmas e doutrinas que os grupos estabelecem.

⁹⁹ Ver CERTEAU, Michel. Táticas e praticantes. In: A invenção do cotidiano. V.1- Artes de fazer. Petrópolis-RJ:Voices, 1994

¹⁰ Ver ARAÚJO Op Cit, p.74.

Dessa forma há de se considerar, por definição, toda memória como sendo coletiva como sugeriu Maurice Halbvachs¹¹, como elemento essencial da identidade da percepção de se e dos outros, a partir da inserção desse sujeito que está refletido e inserido num contexto familiar social e nacional que o molda e o define quanto ser participe do meio em que vive e convive, definido seu lugares específicos, definindo fronteiras daquilo que o grupo social tem em comum¹², como em uma troca de lembranças memoráveis para o grupo que e por fazerem partir do mesmo grupo e do contexto social semelhante exercem a complementariedade, (re)construindo si mesmo e ao mesmo tempo definindo seu lugar social suas relações com os outros.

Entendemos que a memória não resgata mas sim ressignifica a partir do momento, que é lembrada e não esquecida. Nesse sentido entendemos que a memória não deva ser vista apenas como preservação da informação, mas também como processo de luta em andamento.

Esses processo de (re)lembrar, (re)memorar se constitui na verdade ao nosso ver em uma maneira de explorar os significados subjetivos de experiências de vida vivenciadas e a natureza da, memória coletiva, social atrelada a toda essa história. Memória essa que confere legitimidade segurança, autoridade¹³ ressignificação do que está lembrando e identidade ao presente a partir do momento que ocorre o deslocamento espacial e temporal das lembranças.

Sendo assim, faz necessário neste estudo entendermos a partir das falas dos depoentes de que maneira a feira central de Campina Grande-PB, se apresentava no passado, não tão longínquo assim já que trata-se apenas da segunda metade do século XX, quais as mudanças porque passou esse lugar social desta pesquisa o que de fato ficou “registrado” na memória daqueles que vivenciaram e vivenciam o cotidiano da feira. Tivemos então, em estudo anterior depoimentos “recheados” de emoção, de saudade, de desânimo, de preocupação, de desprezo, de paixão pelo lugar e pelo que ele proporcionara aqueles que a freqüentaram na qualidade de feirantes e de fregueses. Sabemos, pois, que esses sentimentos são de grande relevância pois permitem não apenas a busca pelo estado antigo mas sobretudo proporciona sua própria reaparição.

Guiados por E.P.Thompson¹⁴, esta pesquisa se propõe em ir além da História Econômica, se aproximando mais da Antropologia social, não na perspectiva folclorista que alguns

¹¹ Ver ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado Janaína (org.) Usos e abusos da História oral na segunda metade dos anos cinqüenta. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998: 94-95.

¹² Ver POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 1989;9-13.

¹³ Ver HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. Janaína Amado, op cit., p. 81-82.

¹⁴ Ver THOMPSON, E.P. Folclore, Antropologia e História Social. In: as peculiaridades dos Ingleses e outros artigos. São Paulo:Ed. Da Unicamp, 2001 (p/p 227-267)

antropólogos se dedicam, onde os costumes são vistos como relíquias e rituais míticos consuetudinário¹⁵, mas se apropriando do método etnográfico da Antropologia.

Considerando, portanto um diálogo possível entre a História Social e a Antropologia no que tange a identificação de velhos e novos problemas, dando ênfase as normas e rituais como expressão simbólica de autoridade, controle e hegemonia, relações de parentesco, costumes e acima de tudo experiência humana.

Nesse sentido nosso trabalho se apresenta como valorização da experiência humana, buscando as tradições culturais como negação das representações apenas das práticas dominantes, uma vez que buscamos o espaço social informal da feira, entendendo que os revolucionários não se encontram apenas nos partidos institucionais, mas também nos espaço populares¹⁶ é o que o freguês Cs¹⁷ falou: “ *a feira além de ser um controle de abastecimento de mercadorias e serviços, é um ponto de encontro e interação social (ali nascem os movimentos de boicote de preço)*” acrescenta ainda: “*a feira mantém acesa a maneira alternativa de ir as compras, incluindo a oportunidade da negociação e a partilha de idéias.*” Percebemos também as ideologias derivadas de cada sujeito, bem como manifestações culturais e sociais específicas como costumes, danças, canções, arte de cantar históricas manifestações simbólicas e culturais do cotidiano das classes populares¹⁸. O que confirma o freguês Csm¹⁹: “ *É dentro da feira que tem os cantadores de viola, cordelistas, poetas, feirantes que produzem a medicina popular, os raizeiros com medicina popular*” E ainda alerta: “*(...) se quebrar as tradições do interior sem valorizar a cultura antiga, vai ser um município sem História, sem sentido de vida.*”

Uma outra hipótese que precisamos investigar a fim de verificarmos o porquê da feira central continuar existindo em meio as adversidades do mundo moderno, trata-se da questão de reciprocidade social verificadas em Scott quanto ao conceito de economia moral²⁰ no princípio da segurança primeiro (de safety-first ou risk-avoidance) risco mínimo onde os camponeses adotaram na Inglaterra do século XVII alguns riscos com novas sementes , no entanto a grande maioria preferia não se arriscar buscando a segurança em primeiro lugar.

Trazendo para nossa realidade, a feira central, percebemos que muitos feirantes mesmo diante das adversidades do mundo moderno não apresentam nenhum interesse em adotar novas práticas modernas na venda de seus produtos, bem como também não pretendem

¹⁵ Ver DAVIS, Natalie. Culturas do povo. Sociedade e Cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1990. (originalmente publicado em 1975)

¹⁶ Ver BENJAMIN, Walter. A Paris Segundo Império em Baudelaire. In: KHOTE, Flávio R. (org.). Walter Benjamim. São Paulo: Ótica, 1985 (Coleção Grandes Cientistas Sociais. Vol. 5. p. 50)

¹⁷ Ver ARAÚJO Op Cit, p.96

¹⁸ BARREIRO, José Carlos. E.P.Thompson a historiografia Brasileira: revisões críticas e projeções. In: Projeto de História 12, outubro/05, p. 57-76

¹⁹ Ver ARAÚJO OP CIT, P. 96-97

²⁰ Trabalho em fase de elaboração Economia Moral um conceito para o campesinato de autoria de Marilda Aparecida Menezes

mudar de profissão, é o caso de Mcbs²¹: “ Não, sobre negócio de verdura, esse negócio de flores é comigo, agora as outras coisa não.” Talvez essa tentativa de deixar tudo como está, seja uma forma de resistência, de temor de correr o risco da mudança, o que gera a continuidade da feira, a permanência no mesmo local com pequenas mudanças em suas características originais, sobretudo quanto as expressões culturais do fazer, do saber fazer dos comerciantes deste espaço.

Uma outra questão também importante de ser lembrada em Scott se trata da categoria de reciprocidade que o autor trabalha no que tange as relações de **reciprocidade simétricas e assimétricas**. Percebemos em nosso objeto de estudo as relações entre os iguais de maneira solidária, assim como entre os desiguais, é o que podemos verificar na fala do freguês Mrvm²²:

“uma vez após vinte e cinco anos encontrei Sr Antonio, um feirante com oitenta e três anos que vinha do roçado na estrada, eu automaticamente parei e dei carona, para monha surpresa era um feirante conhecido que vendia banana, me reconheceu e eu também o reconheci. Depois disso levou um presente para mim, feijão verde.”

Ainda em relação a solidariedade no entanto estando atrelada fortemente ao fator subsistência, talvez por essa razão os feirantes se preocupam tanto com o bem estar dos seus fregueses, devido a essa relação de dependência, é o que podemos perceber na fala de Cns²³

Tem, é minha cara, muitos anos, só basta o freguês chegar aqui e perguntar por mim, se eu não tiver , pergunta logo por mim, e se eu não tiver eles não compra, pode tá até meu filho, porque eu tenho a capacidade de ajeitar, eles acha melhor eu, porque eu sou mais jeitosa. É a queridona, é amozão, é assim...(risos). Porque eu ajeito mais, porque eu preciso muito dos freguês, você, eu preciso muito dos freguês, os freguês não precisa da gente por que em todo canto tem pra comprar”.

Traçando uma relação com as suas práticas cotidianas no exercício da arte do fazer, resistência e acima de tudo estratégias de poder disciplinar presentes no espaço da feira central de Campina Grande-Pb, lugar social estabelecido e patrimônio cultural intangível, investigando por meio da **História dos de baixo**, as camadas populares, diante de suas tradições, costumes, crenças, daqueles que sempre estiveram à margem da academia, os esquecidos da História. Nos referimos aos atores deste cenário de pesquisa científica, os feirantes que vivenciam o cotidiano da feira central.

²¹ Ver ARAÚJO Op Cit, p.72

²² Ib dem, p. 80-81

²³ Ib dem, p. 105

REFERÊNCIAS:

- AMADO, Janaína e Marieta M. Ferreira. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998
- ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. Monografia Especialização. *Feira livre: Memória “viva” da cultura do povo campinense, ao final do século XX?* Campina Grande, Gráfica Editora Agenda, 2004.
- _____. *Múltiplos discursos sobre a feira de Campina Grande: uma representação cultural*- Campina Grande: Ciências da Sociedade, UEPB 2004 mimeo
- BARREIRO, José Carlos. E.P.Thompson a historiografia Brasileira: revisões críticas e projeções. In: *Projeto de História* 12, outubro/05
- BOSI, Ecléa. Problemas ligados à cultura das classes pobres. In.: *A cultura do povo* . Edênio Valle Jr. (org.). 4ª ed. São Paulo-SP: Cortez, 1988.
- CERTAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. V.1- Artes de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000
- FOUCAULT, Michel. *Ordem do Discurso*. Tradução Laura F. de A Sampaio. 10ª ed. São Paulo: Edições Loyola: 2004.
- _____. *Microfísica do Poder*. Roberto Machado (org.)- Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HOBBSBAWN, Eric e Terence Ranger (orgs.) *A invenção das tradições*. tradução de Celina C. Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984.
- HUNT, Lynn. A História da cultura de Michel Foucault. In: *A nova História Cultural*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (O homem e a História)
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- MEIHY, José Carlos Sebe Boom. Manual de História oral. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002
- MENESES, Marilda Aparecida. *Economia Moral um conceito para o campesinato* (em fase de elaboração)
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisada*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994
- MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, simplesmente*. São Paulo: Loyola, 2004.
- PEREIRA, Jr. Francisco. *Feira de Campina Grande, um museu vivo na cultura popular de folclore nordestino*. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 1989
- QUIRINO, Eliana Gomes. A feira central: um espaço em ebulição. In.: *IV Encontro de História Oral do Nordeste*. Espaço, Memória e Narrativa, 2003, Anais, versão Cd-rom. Campina Grande, PB: UFCG, 2003. p. 1013-1020
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*, 2ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1998.
- THOMPSON, E.P. Folclore , Antropologia e História Social. In: *as peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. São Paulo: Ed. Da Unicamp, 2001